

**COLONIALIDADE DO SABER:**  
**OUTRO OLHAR SOBRE A AMÉRICA LATINA NAS AULAS DE HISTÓRIA**  
**DA EDUCAÇÃO BÁSICA**

*Rafael Gonçalves de Oliveira (autor) – PPGHIS/UFMT*

*Alana Cristina Teixeira Chico (co-autor) – PPGE/UFMT*

**RESUMO**

O presente trabalho pretende levantar questionamentos sobre de que maneira o conceito histórico e o paradigma da *modernidade*, trabalhado no currículo escolar da disciplina de História do Ensino Médio, contribuem para exclusão das narrativas de povos autóctones da América Latina. Tal empreendimento se faz necessário devido à existência da narrativa eurocêntrica contida na historiografia da América Latina que menospreza elementos primordiais da história e das culturas das populações oprimidas pela colonização. Tanto que as mesmas necessitam, no cenário educacional brasileiro, de uma abordagem afirmativa no campo normativo: a Lei 11.645/08. Dessa forma, o principal objetivo exposto é de problematizar no período da modernidade como ocorre a relação das culturas e histórias indígenas e afro-brasileiras, evidenciando e aferindo o teor do eurocentrismo contido no conceito de *modernidade* presente nos livros didáticos e nos/as professores/as do Ensino Médio da E.E. Alexandre F. F. Mendes da capital de Mato Grosso. Por fim, utilizaremos como referencial teórico a obra “*Epistemologias do Sul*” organizada por Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses e uma segunda obra organizada por Edgardo Lander intitulada “*A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*” em diálogo com a Lei 11.645/08 constituída nos planejamentos curriculares das redes educacionais.

**palavras-chave:** história latino-americana; educação; modernidade-decolonialidade.

**INTRODUÇÃO**

A presente pesquisa gira em torno do objetivo de compreender como a historiografia da colonização e modernização da América Latina/Brasil é trabalhada em sala de aula, visto que há uma concepção da temporalidade eurocêntrica da *modernidade* em detrimento das histórias dos povos indígenas autóctones e afro-brasileiros na educação brasileira. Partindo do pressuposto que as narrativas históricas da conquista e da colonização se deram em grande parte pelos vencedores dos conflitos, os colonizadores europeus, faz-se necessário investigar e aferir o teor eurocêntrico

contido nos livros didáticos trabalhados durante o Ensino Médio da Escola Estadual Alexandre Francisco Ferreira Mendes da capital de Mato Grosso, bem como na concepção dos/as professores/as sobre o conceito de *modernidade* a partir das análises dos planejamentos de aula anual.

Deste modo, foi analisado criticamente o único livro didático trabalhado com o Ensino Médio de 2015 até 2017 (José Geraldo Vinci de Moraes, 1ª edição – Curitiba: Positivo, 2013) na Escola Estadual Alexandre Francisco Ferreira Mendes, partindo das concepções de Aníbal Quijano, Enrique Dussel e Walter Mignolo. A análise se pautou em compreender como o livro didático organiza os principais fatores existentes na narrativa histórica da colonização e modernização, como: as balizas históricas adotadas para demarcação das temporalidades; os momentos eleitos como relevantes do processo histórico; as representações políticas, econômicas e culturais que permeiam o conceito de *modernidade*; a representação de determinados agentes subjugados e, principalmente, os movimentos sociais que de cunho libertário que apresentaram resistências à colonização/modernidade; além das malhas conceituais que são evocadas para representar o processo histórico em questão.

Portanto, a pesquisa consiste em identificar, mapear e averiguar a partir da malha teórica e conceitual criada pelos autores Quijano, Dussel e Mignolo, o teor de eurocentrismo contido no conceito de *modernidade* presente no livro didático mencionado anteriormente. Analisando, para tanto, as concepções políticas, históricas e culturais envolvidas na construção do paradigma *moderno* contido na historiografia latino-americana e brasileira do livro didático de modo a averiguar se ocorre o silenciando e exclusão das histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas.

Além dos movimentos investigativos da historiografia da colonização e modernização da América Latina/Brasil, a pesquisa busca constatar por meio de análises críticas, sobre os planos de aula anual, se os/as professores/as de História do Ensino Médio estão atualizados no debate historiográfico, e se estão capacitando-se para trabalhar em sala de aula a história e as culturas afro-brasileiras e indígenas, conforme as exigências da Lei 11.645/08.

## **DESENVOLVIMENTO**

A presente pesquisa se faz necessária tendo em vista que a narrativa e o ensino da história sobre a colonização da América Latina/Brasil, e seus impactos, sempre

ocorreu privilegiando o ponto de vista eurocentrado em detrimento das histórias e culturas indígenas e afro-brasileiras. Tanto é que a partir de 1996 se tornou necessário à criação de Leis Federais para suprir tal defasagem educacional. Sendo que a Lei existente atual 11.645/08 (que altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003), estabelece as diretrizes e bases da educação nacional visando incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

Almejando que a compreensão final desta pesquisa resulte em uma contribuição para discussão educacional citada acima, bem como a expansão do debate sobre a reflexão historiográfica sobre o tema, situamos como referencial bibliográfico as pesquisas de Vera Maria Ferrão Candau<sup>1</sup>, que atualmente vem contribuindo para um avanço nas discussões políticas e educacionais sobre a problemática em questão trabalhando com as concepções de Dussel, Quijano e Mignolo.

Assim como Candau, compreendemos que o lugar de fala eurocêntrico produziu implicações sociais negativas sobre a autonomia política e a memória dessas etnias, e de seus descendentes. Ao passo que criou-se uma estrutura de pensamento, a partir das ideologias das classes hegemônicas, em que os subjugados deveriam abandonar sua cultura “atrasada” para aceitarem a “avançada” cultura moderna importada da Europa.

A elaboração intelectual do processo de modernidade produziu uma perspectiva de conhecimento e um modo de produzir conhecimento que demonstram o caráter do padrão mundial de poder: colonial/moderno, capitalista e eurocentrado.<sup>2</sup>

Tal forma de pensar se consolidou principalmente pelo conceito de “raça” forjado ao longo da criação do paradigma da *modernidade*. Com isso, as populações autóctones da “América Latina” foram classificadas pelos europeus a partir de diversos termos pejorativos; povos primitivos sem lei, sem fé e sem rei; selvagens destituídos da razão; povos bárbaros atrasados na marcha da história, e que deveriam ser civilizados conforme os parâmetros europeus para, assim, se inserirem a suposta marcha do progresso universal humano.

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela Universidad Complutense de Madrid; Professora Titular do Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio); Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Coordenadora do Grupo de Pesquisas sobre Cotidiano, Educação e Cultura(s) (GECEC - PUC-Rio). Membro do Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos.

<sup>2</sup> QUIJANO: 2005, p. 115.

Fomos a *primeira* “periferia” da Europa moderna; quer dizer, sofremos globalmente desde nossa origem um processo constitutivo de “modernização” (embora naquele tempo não se usasse esta palavra).<sup>3</sup>

Essa visão eurocêntrica legitimou a escravidão, a exploração e o etnocídio dos povos não europeus nas Américas. As consequências desse processo, iniciado na colonização, ainda se fazem presente sob novas formas no século XXI. O qual a modernidade e a globalização capitalista não aboliram as desigualdades políticas/econômicas e as formas violentas de exclusões raciais sobre os povos indígenas e afro-brasileiros. São esses novos modos de pensar e compreender a realidade latina, a partir do pensamento decolonial, imprescindíveis à introdução de novos paradigmas explicativos sobre a historiografia dos povos indígenas e africanos.

Nesse contexto, localizamos a produção do grupo “Modernidade/Colonialidade”, formado por intelectuais de diferentes procedências e inserções, que busca construir um projeto epistemológico, ético e político a partir de uma crítica à modernidade ocidental em seus postulados históricos, sociológicos e filosóficos.<sup>4</sup>

Dessa forma, torna-se viável e necessária outra abordagem epistemológica, pedagógica, historiográfica e teórica sobre a colonização e a modernização em suas consequências para o Brasil e para a América Latina. Onde os descendentes das populações autóctones e afrodescendentes, herdeiras de uma sociedade corrompida por desigualdades políticas, econômicas e sociais, ainda resistem e buscam formas de libertação e superação deste passado perverso. Destacando a relevância dos conceitos e teorias organizados nas obras de Dussel, Mignolo e Quijano num período de fenômenos políticos conjunturais (formação do MERCOSUL, recusa da ALCA, os exemplos de democracia radicalizada nos governos bolivianos e equatorianos) que estão ocorrendo na América Latina e, que se revelam muito significativos para a compreensão desse atual processo histórico de resistência às imposições políticas da Europa e E.U.A.

Tendo isso em vista, para desconstruir as narrativas e concepções eurocentradas sobre a colonização e modernização das Américas, expostas nos livros didáticos e trabalhadas em salas de aulas pelos/as professores/as, evocamos a necessidade de nos debruçarmos sobre três autores de um grupo de intelectuais formado ao final do século

---

<sup>3</sup> DUSSEL: 1993, p. 16.

<sup>4</sup> CANDAU: 2010a, p.16.

XX, denominado Grupo Modernidade/ Colonialidade/ Decolonialidade (M/C/D)<sup>5</sup>. Os autores que compõe o Grupo foram relacionados de forma compreensiva na publicação da “Revista Brasileira de Ciência Política” nº11 (2013), pela professora Luciana Ballestrin<sup>6</sup>, do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas – RS. E, segue tabela organizada pela autora para que tenhamos minimamente o conhecimento dos membros que compõe o grupo.

Quadro 1. Perfil dos membros do Grupo Colonialidade/Modernidade<sup>15</sup>

integrante	área	nacionalidade	universidade onde leciona
Aníbal Quijano	sociologia	peruana	Universidad Nacional de San Marcos, Peru
Enrique Dussel	filosofia	argentina	Universidad Nacional Autónoma de México
Walter D. Mignolo	semiótica	argentina	Duke University, EUA
Immanuel Wallerstein	sociologia	estadunidense	Yale University, EUA
Santiago Castro-Gómez	filosofia	colombiana	Pontificia Universidad Javeriana, Colômbia
Nelson Maldonado-Torres	filosofia	porto-riquenha	University of California, Berkeley, EUA
Ramón Grosfoguel	sociologia	porto-riquenha	University of California, Berkeley, EUA
Edgardo Lander	sociologia	venezuelana	Universidad Central de Venezuela
Arturo Escobar	antropologia	colombiana	University of North Carolina, EUA
Fernando Coronil*	antropologia	venezuelana	University of New York, EUA
Catherine Walsh	linguística	estadunidense	Universidad Andina Simón Bolívar, Equador
Boaventura Santos	direito	portuguesa	Universidade de Coimbra, Portugal
Zulma Palermo	semiótica	argentina	Universidad Nacional de Salta, Argentina

\*Falecido em 2011.

Fonte: Elaboração própria a partir de pesquisa de dados institucionais e pessoais disponíveis na internet

Tabela retirada de: Revista Brasileira de Ciência Política nº11 Brasília Maio/Aug 2013.

Sendo assim, a presente discussão perpassa pela problematização levantada por Dussel, Mignolo e Quijano sobre a existência de um fenômeno eurocêntrico oculto - a *colonialidade do poder e do saber*, que se caracterizam como um padrão de poder global mais profundo – na *modernidade*. Constituído no mundo contemporâneo como parâmetro sustentador das desigualdades políticas e econômicas entre “metrópoles” e “periferias” do mundo, e internamente na América Latina através da divisão da

<sup>5</sup> A partir do ano de 1993 iniciou-se a formação do Grupo Modernidade/Colonialidade – posteriormente, em 2005, o conceito *Decolonialidade* será incorporado a identificação do grupo simbolizando a intenção da superação epistemológica dos termos precedentes – num processo gradual, a partir de vários seminários acadêmicos, diálogos paralelos e publicações científicas. Sendo os autores mais significativos para a presente pesquisa: Walter Mignolo, Enrique Dussel e Aníbal Quijano.

<sup>6</sup> Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas.

sociedade em classes. Pois, como alega o sociólogo Ramón Grosfoguel, “Com a descolonização jurídico-política saímos de um período de “colonialismo global” para entrar num período de “colonialidade global”” (GROSFOGUEL, 2008. p. 126). Além do mais,

Dizer colonialidade não é o mesmo que dizer colonialismo. Não se trata de uma forma decorrente nem antecedente da modernidade. Colonialidade e modernidade constituem duas faces de uma mesma moeda. Da mesma maneira que a revolução industrial europeia foi possível graças às formas coercivas de trabalho na periferia, as novas identidades, direitos, leis e instituições da modernidade, de que são exemplo os Estado-nação, a cidadania e a democracia, formaram-se durante um processo de interação colonial, e também de dominação/exploração, com povos não-ocidentais.<sup>7</sup>

Utilizando as teorias críticas e dos conceitos emancipatórios dos autores, a partir do lugar de fala do oprimido, acreditamos ser possível uma renovação do ensino de História que contemple a Lei 11.645/08, e que evidencie e problematize o lugar de fala eurocêntrico contido na historiografia da América Latina. Para isso, torna-se necessário identificar aspectos eurocêntricos da colonização que silenciaram as vozes dos oprimidos e ainda perduram no século XXI sob o signo da modernidade, no capitalismo globalizado.

A incorporação de tão diversas e heterogêneas histórias culturais a um único mundo dominado pela Europa, significou para esse mundo uma configuração cultural, intelectual, em suma intersubjetiva, equivalente à articulação de todas as formas de controle do trabalho em torno do capital, para estabelecer o capitalismo mundial.<sup>8</sup>

As primeiras contribuições trazidas pelos autores consistem na compreensão dos fenômenos; *colonialidade do poder* (criado por Quijano) e *do saber* (criado por Mignolo) que foram ocultados nas historiografias eurocêntricas. Deixando escapar de nosso entendimento a existência de uma relação intrínseca da colonização com a constituição da modernidade, posteriormente desdobrada na globalização capitalista.

A metodologia que utilizada nesta pesquisa levou em conta a natureza das fontes: Planos de Aula Anuais dos/as professores/as do Ensino Médio e o único livro didático ofertado para todo o Ensino Médio. Para o estabelecimento de uma crítica

---

<sup>7</sup> GROSFOGUEL, 2008. p. 125.

<sup>8</sup> QUIJANO: 2005, p. 110.

coerente, partimos de uma leitura imanente sobre os livros didáticos e planos de aula. Focando a demarcação histórica e teórica que envolve a “modernidade” no pano de fundo da colonização das Américas até o surgimento da globalização do século XXI.

Para a análise do livro didático e dos planos de aula foi necessário uma pesquisa que priorizou não se limitar a análise apenas do texto em si, mas a análise de forma minuciosa do lugar de inserção teórica, histórica e cultural sobre o conceito de “modernidade”, observando como é articulado a concepção de *modernidade* em relação as culturas e histórias indígenas e afro-brasileiras. Captando todos os seus subsídios e atributos. Para isso foi imprescindível a malha teórica desenvolvida por Enrique Dussel, Aníbal Quijano e Walter Mignolo a partir do “giro decolonial”.

Não há dúvida de que Quijano, Dussel e eu estamos reagindo, não apenas contra de um imaginário histórico, mas também contra a atualidade desse imaginário hoje. Quijano tem uma perspectiva semelhante sobre a subalternização do conhecimento quando escreve: “Ao mesmo tempo em que se afirmava a dominação colonial, erigia-se um complexo cultural denominado racionalidade e estabelecia-se como o paradigma universal do conhecimento e das relações hierárquicas entre a ‘humanidade racional’ (Europa) e o resto do mundo”.<sup>9</sup>

## CONSIDERAÇÕES

A pesquisa em questão atualmente está em andamento, mas podemos aferir que o estudo sobre a historiografia da colonização e modernização da América Latina/Brasil é tão importante para nós enquanto pesquisadores e agentes da própria história, quanto para educadores-educandos que trabalham essa historiografia numa relação educativa emancipatória. Além disso, ressaltamos a importância de compreender os movimentos históricos por um viés que não seja eurocentrado por meios de referenciais teóricos dos próprios latinos americanos que pesquisam a sua própria história. Tal importância não visa excluir as diversas leituras históricas já consolidadas sobre a América Latina/Brasil, mas ampliar os caminhos e valorizar uma historiografia que parte do próprio local de fala. Para tanto, o que nos interessa enquanto pesquisadores-educadores, em verdade para justificar e edificar esse trabalho, é evidenciar o quanto do pensamento eurocentrado está difundido e inculcado nas aulas de História no Ensino Médio, principalmente por meio da concepção de *modernidade*. E, que esta problematização, de

---

<sup>9</sup> MIGNOLO: 2003, p. 93.

uma maneira ou outra, poderá gerar uma tomada de consciência das contradições que forjam a realidade atual, e que, por sua vez, produzirá a desmitologização de fenômenos opressores da realidade atual. Levando os educandos a se enxergarem pertencentes de uma estrutura política, econômica e epistemológica criado por interesses de dominação alheios a eles, e que visam subjugar-los. E, por meio desta problematização emancipadora, poderão perceber que a criação de uma “ação cultural” crítica e libertária os levará à condição de escritores e protagonistas de sua própria história, aspirando formar uma nova realidade social emancipatória (FREIRE, 1981).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Jórisa D. N. *Marxismo e pensamento decolonial: debates teóricos e consequências políticas*. In: VIII Congresso Latino americano de Ciência Política, 2015a, Lima.

\_\_\_\_\_. Uma crítica marxista ao movimento giro “decolonial” na América Latina. In: VIII Colóquio Internacional Marx e Engels, 2015b, Campinas.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política* (Impresso), Brasília, n.11, Maio/Aug, v. 2, p. 89-117, 2013.

CANDAU, Vera Maria F. Pedagogia Decolonial e Educação Antirracista e Intercultural no Brasil. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.26, n.01, p.15-40, abr. 2010a.

\_\_\_\_\_. Interculturalidade e Educação na América Latina: uma construção plural, original e complexa. *Revista Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 10, n. 29, p. 151-169, jan./abr. 2010b.

DUSSEL, Enrique. 1492. *O Encobrimento do Outro* (A origem do “mito da modernidade”). Petrópolis: Vozes, 1993.

\_\_\_\_\_. *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. Petrópolis: Vozes, 2002.

\_\_\_\_\_. Europa, modernidade e eurocentrismo. In: LANDER, Edgardo (Org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. pp.55-70.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

\_\_\_\_\_. *Conscientização: teoria e prática da libertação*. São Paulo: Moraes, 1980.



GROSFOGUEL, Ramón. *Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: Transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidade global*. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80: mar. 2008.

LÖWY, Michael. *O marxismo na América Latina*. Uma antologia de 1909 aos dias atuais. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_. *IDEOLOGIAS e Ciência Social*. Elementos para uma análise marxista. São Paulo: Cortez, 2008.

MIGNOLO, Walter D. *Histórias locais/Projetos globais*. Colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

\_\_\_\_\_. Desobediência Epistêmica: A Opção Descolonial e o significado de Identidade em Política. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n. 34, p. 287-324, 2008.

QUIJANO, Aníbal; WALLERSTEIN, Immanuel. *La americanidad como concepto, o América en el moderno sistema mundial*. Revista Internacional de Ciencias Sociales: América: 1492-1992, Catalunya, p. 583-591, diciembre 1992.

QUIJANO, Aníbal. *Dom Quixote e os moinhos de vento na América Latina*. Estudos Avançados, São Paulo, v. 19, n. 55, p. 09-31, 2005a.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005b. p. 107-130.

\_\_\_\_\_. Colonialidade do poder e classificação social. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Orgs.). *Epistemologia do Sul*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 84-130.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENEZES, Maria Paula (Orgs.) *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.